

UMA CARTA DE HILDA HILST A UM JOVEM POETA BRASILEIRO

Alan Silvio Ribeiro Carneiro
Unicamp

RESUMO: No ano de 1967, Walmir Ayala escreveu uma missiva para Hilda Hilst, solicitando à escritora que escrevesse uma carta para um livro que ele organizava, denominado *Cartas a um Jovem Poeta Brasileiro*, inspirado nas *Cartas a um Jovem Poeta*, de Rilke. A partir desse documento, esta pesquisa foi buscar o conjunto da correspondência entre os autores e acabou por encontrar outras cartas correlacionadas tematicamente ao projeto em questão, por abordarem uma problemática em comum: a do ofício da literatura. Apresentam-se neste artigo os resultados dessa investigação, primeiro retomando a origem dos documentos, em seguida partindo para uma reflexão sobre a temática do ofício nas cartas de Rilke, para, após, mostrar uma correspondência selecionada da autora com Drummond e com Ayala, e em meio a esta última, uma carta de Caio Fernando Abreu. Ao final, apresenta-se a carta de Hilda Hilst para Walmir Ayala para o projeto em questão, que revela como a autora percebia o ofício da literatura, no ano de 1967, momento em que sua criação literária começa a passar por profundas transformações.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira. Hilda Hilst. Relações literárias. Cartas.

ABSTRACT: In 1967, the Brazilian writer Walmir Ayala sent a letter to Hilda Hilst, asking her to write a letter to a book, which he would be publishing called Letters to

a Young Brazilian Poet, inspired by the book of Rainer Maria Rilke, this letter was the beginning of this research. The next step was to research the correspondence of the authors in the archives, where it was possible to find other letters thematically correlated to the project of the book, dealing with the question of the profession of writer. This article presents the results of this research, recalling at first the origins of the documents, then it presents a reflection about the writing profession and the letters of Rilke, followed by some selected letters of Hilst to another Brazilian writers as Drummond, and her correspondence with Ayala and among these, a letter of the Brazilian writer Caio Fernando Abreu. In the end, this research presents the letter of Hilda Hilst to Ayala about the project of the book, which reveals how Hilda Hilst was looking to the writer's profession, in 1967, a very important moment, in which her writings began to be deeply transformed.

KEYWORDS: Brazilian Literature. Hilda Hilst Literary Relations. Letters.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é o resultado de um olhar casual para um documento – fato comum quando se trabalha com acervos literários e de repente se descobre um fio interessante entre as diferentes urdiduras que o conjunto de documentos forma e quando se tenta reconstituir através de um deles o complexo tecido histórico e contextual que o cerca.

O fio deste trabalho foi uma carta de Walmir Ayala para Hilda Hilst, datada de 1967, encontrada após várias consultas ao Fundo Hilda Hilst, do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae), do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de

Campinas (Unicamp), na qual o autor mencionava o projeto de um livro que se chamaria *Cartas a um Jovem Poeta Brasileiro* e solicitava a Hilda Hilst que escrevesse uma das cartas para o livro. A partir deste fio foi possível puxar outros, indo atrás das cartas que Hilda Hilst escreveu em resposta para Walmir Ayala e que se encontravam no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), no Rio de Janeiro¹.

A partir dessa pesquisa foram se desdobrando outras em torno de cartas que estavam no AMLB-FCRB – mantendo o foco na figura de Hilst –, na expectativa de que elas pudessem revelar mais sobre o projeto do livro e sobre o contexto em que este emergiu enquanto idéia. Pesquisaram-se então as cartas de Hilda Hilst e de Walmir Ayala para Carlos Drummond de Andrade, grande amigo de ambos os escritores, e as cartas de Caio Fernando Abreu para Walmir Ayala e para Hilda Hilst, na época jovem escritor, em busca de seus mestres. Deste último, tentou-se ainda encontrar as primeiras cartas que Hilst e Ayala teriam enviado para ele, no seu arquivo no AMLB-FCRB e no acervo do autor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas no primeiro acervo foi possível encontrar somente um cartão de Hilst, da virada do ano, de 1972-1973, e no segundo somente um bilhete, de 1974.

Apresenta-se neste espaço uma parte desse material. A princípio, essas missivas não apresentavam conexões evidentes, mas aos poucos foi possível observar correlações e perceber que elas revelavam mais do que um pouco da biografia de Hilda Hilst, as redes da própria

1 O autor deve um agradecimento especial às equipes do Cedae, do AMLB-FCRB e do Acervo Caio Fernando Abreu da UFRGS e aos detentores dos direitos autorais dos autores pesquisados, André Seffrin (Walmir Ayala), José Mora Fuentes (Hilda Hilst) e Jorge Cabral e Cláudia Cabral (Caio Fernando Abreu), pelo apoio a esta pesquisa.

literatura, enquanto um sistema de co-referências entre temas, autores, aspirações e expectativas, mostrando os fios que constituem a trama do discurso literário.

Dentre esses fios, que são o substrato da criação artística, um chamava atenção, o do ofício do escritor. Por essa razão, tornou-se inevitável buscar a referência para a qual o projeto das *Cartas a Um Jovem Poeta Brasileiro* remetia, retomando a conhecida obra de Rainer Maria Rilke, *Cartas a um Jovem Poeta*.

CARTAS A UM JOVEM POETA

O título deste início de reflexão decorre do fato de que as *Cartas a um Jovem Poeta*, de Rainer Maria Rilke, são sem dúvida um documento que remete a pensar e a tentar saber, ainda hoje, embora completem um século, o sentido do ofício da literatura. A questão do ofício perpassa a vida e a obra de muitos escritores, neste breve instante da história que é a modernidade, momento em que a literatura emerge como um lugar específico para sentir, pensar e conhecer; ou seja, como um lugar do indivíduo, onde emerge a figura do autor, para o qual se inscreve uma pergunta fundamental: por que escrever?

As cartas podem ser vistas simplesmente como um espaço íntimo de expressão interior, mas, para o escritor, podem ser o lugar onde a sua vida e o seu ofício se mostram indissociáveis, pois no diálogo com os outros, familiares, amigos e outros escritores, se evidencia o ajuste que o autor faz, enquanto estratégia de escrita, entre a visão que tem de si e a que se evidencia a partir de sua própria obra. A idéia de ofício nestas circunstâncias ainda mantém uma conexão com uma visão de mundo na qual o artista ocupava uma posição especial, pois ainda que na modernidade a sua auréola tenha caído na lama,

alguma parte ainda reluz.

As *Cartas a um Jovem Poeta* são um marco na história da literatura moderna, justamente porque nas suas páginas aparece uma certa universalidade das assertivas sobre o fazer literário, ainda que no início deste novo século – ainda marcado por tantos traumas e desilusões do século XX – qualquer pretensão de universalidade se mostre frágil e inconsistente.

Os universalismos são vistos com muita desconfiança e não se pode falar de qualquer um deles, sem os olhos atentos a todo aparato que a teoria, sobretudo na literatura, nos legou enquanto crítica das limitações presentes na unilateralidade da leitura ocidental sobre o que são valores universais. Nestes dias, a vigilância se faz necessária, mesmo no alegre prazer da leitura, pois não há prazer que se esqueça da dor que é parte dele e o engendra; do aparato interpretativo de Roland Barthes, não é a poderosa teoria, com o seu poder de fixação da realidade, e nem o gozo, prazer transbordante, o que resta, mas a constante vigilância.

No momento em que se relê Rilke, vê-se, hoje, não mais a totalidade de uma dimensão humana, como via Cecília Meireles – autora que Hilst admirava na juventude – no prefácio que escreveu para a edição brasileira, de 1953; vêem-se as nossas limitações; vê-se, com alguma clareza, que entre a literatura e o mundo o vão se torna cada vez maior; vê-se que para a leitura atual do Rilke das cartas, intermediário do oráculo da literatura, do passado e do futuro, do poder da palavra escrita, se impõe duramente a perda do sentido da magia. A magia se perdeu, e com ela parte da alegria.

Mas nesse ponto a pergunta sobre o ofício se renova e é daí que o sentido da obra de Hilda Hilst se vê marcado por dois movimentos contrários que mostram uma consciência dessas limitações. Por um lado, tem-se

a tentativa da recuperação do espiritual, forte, por exemplo, na sua poesia, e, por outro, o deparar-se constantemente com o universo físico da matéria, sobretudo do corpo, como, por exemplo, na sua prosa, principalmente, na denominada pela crítica como obscena, a desfigurar e re-conceber a mística da compreensão do espírito. É nesse movimento alternado entre o transcendente e o mundo ordinário, exercício limite da procura, que a obra de Hilst acaba por mostrar a fragilidade das respostas sobre a condição humana.

A solidão infinita a que se está sujeito com poucos poderes remete ao temário geral das *Cartas a um Jovem Poeta*, de Rainer Maria Rilke. É este temário que aparece na correspondência que se apresenta neste espaço que vincula as referidas cartas do começo do século passado a algumas cartas escritas nos anos de 1950 e 1960, primeiramente de Hilda Hilst, ainda jovem, escrevendo para Drummond, em segundo, uma correspondência da autora com o escritor gaúcho Walmir Ayala, sobre o projeto de um livro que se concretizou, mas não foi publicado, *Cartas a um jovem poeta brasileiro*, e que fecha o círculo que fez com que se iniciasse com Rilke. Nesse entremeio, há uma carta do jovem aspirante a escritor Caio Fernando Abreu para Walmir Ayala, surgindo como um jovem Kappus, querendo saber dos caminhos da literatura.

É preciso dizer que talvez essas cartas, nos dias de hoje, não representem nada de muito importante, mas dizer isso só seria pertinente se a pergunta “Por que escrever?”, que move uma intensa vida literária, por exemplo, no meio eletrônico na atualidade e que ainda mobiliza tantas jovens escrituras, não fizesse mais sentido.

No caso de Hilda Hilst, escrever talvez fosse a única coisa que fizesse sentido e por isso a relevância dessas cartas, porque talvez através delas se possa entrever, no invisível do que paira entre a sua biografia e a sua

obra, o germe da sua literatura.

AS CARTAS A UM JOVEM POETA, DE RAINER MARIA RILKE

As Cartas a um Jovem Poeta, de Rainer Maria Rilke (1875-1926), foram escritas ao jovem militar Franz Xavier Kappus, entre 1903 e 1908. É um conjunto de dez cartas que primam pela sensibilidade, nas quais Rilke, sem desanimar o jovem escritor para a literatura, o estimula a compreendê-la como parte de uma busca mais profunda de si mesmo, independentemente de ele vir a se tornar ou não um escritor. As cartas foram publicadas em 1929, por Kappus, acreditando que elas poderiam contribuir para outros jovens que buscassem as sendas da literatura; desde então, se tornaram uma das obras mais conhecidas de Rilke.

Nas palavras de Cecília Meireles (RILKE, 1996, p. 12) no referido prefácio, os conselhos sobre literatura são poucos: escrever só por absoluta necessidade, evitar temas sentimentais e formas comuns, escolher as sugestões oferecidas pelo ambiente, pela imaginação e pela memória, não dar importância aos críticos, não ler tratados de estilo. Mas, para a autora, o que Rilke aponta como mais importante é o que o jovem Kappus deve observar em si e que cria condições para a emergência de uma arte verdadeira: a necessidade de um mundo interior; de uma clarividência; de um gosto pela solidão; de uma visão diversa do amor e mais humana da mulher; de uma ternura pela natureza e pelo pequeno; da aceitação das dificuldades; de uma fidelidade à infância; de uma expectativa de Deus e de uma disciplina poética humilde e vagarosa.

A primeira carta-resposta de Rilke dá o tom, muito mais de orientação para a vida do que para tornar-se

um escritor, que perdurará na correspondência:

Paris, 17 de fevereiro de 1903.

Prezadíssimo Senhor,

Sua carta alcançou-me apenas há poucos dias. Quero agradecer-lhe a grande e amável confiança. Pouco mais posso fazer. Não posso entrar em considerações acerca da feição dos seus versos, pois sou alheio a toda e qualquer intenção crítica. Não há nada menos apropriado para tocar numa obra de arte do que palavras de crítica, que sempre resultam em mal-entendidos mais ou menos felizes. As coisas estão longe de ser todas tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço que nenhuma palavra nunca pisou. Menos suscetíveis de expressão do que qualquer outra coisa são as obras de arte, – seres misteriosos, cuja vida perdura, ao lado da nossa efêmera. (RILKE, 1996, p. 21)

As considerações de Rilke são baseadas numa simplicidade acerca do que dizer e do que fazer, e isso coloca a arte e a literatura num plano distinto da nossa temporalidade, inserindo-as num plano mais amplo e que nos ultrapassa. Por isso, a arte da escrita exige respeito ao que não pode ser compreendido ou cuja compreensão só pode vir de dentro para fora, e é nesse sentido que Rilke aponta para o jovem Kappus que pergunte a si, o que de fato o manda escrever:

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar, – ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? (RILKE, 1996, p. 22)

A pergunta que impacta qualquer jovem escritor é a pergunta que quer apontar a especificidade do ofício, que se caracteriza, deste modo, para Rilke, como uma ordenação religiosa, como algo a ser carregado sempre, muito mais como fardo do que como glória. Se a resposta for positiva, o caminho dado por Rilke sobre o que fazer, em palavras, é simples:

Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade: só isto é viver artisticamente na compreensão e na criação. (RILKE, 1996, p. 32)

Esse processo de compreensão é o que configura o martírio do artista e criador e que, na leitura do Rilke das *Cartas*, se assemelha aos processos de iniciação religiosa e mística. A iniciação exige muito do neófito, acima de tudo a paciência que menciona Rilke, e afora isso exige muitas renúncias, uma aprendizagem que, como outras, para o alcance da graça, se faz com a dor e o sofrimento. O legado de Rilke, marcado pelo seu tempo, ainda reflete

a sua luz neste, toda vez que, ao trabalhar em torno da literatura e da escrita, emerge de novo a pergunta: por que escrever? Em alguma medida, essa questão aparece nas primeiras cartas da ainda jovem Hilda Hilst a Drummond ao se dirigir ao poeta, já no auge do seu reconhecimento.

CARTAS DE HILDA HILST PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Num artigo da *Folha de São Paulo*, Hilda Hilst anunciou que encontrara, entre os seus guardados, uma carta com um poema inédito que Drummond fizera para ela, junto com uma breve mensagem, enviada em 1952, em resposta a um telegrama. À época a autora tinha 22 anos, e Drummond, 50. Os dois foram apresentados um ao outro por Lygia Fagundes Telles e mantiveram uma correspondência espaçada, ao longo de mais de 30 anos, entre os anos de 1950 e 1980. Infelizmente, das cartas de Drummond no acervo de Hilda Hilst restou apenas uma, datada de 1984, mas das cartas dela para o autor foram encontradas duas, no acervo do mesmo, no AMLB-FCRB, no Rio de Janeiro.

Seguindo o tempo cronológico, apresenta-se abaixo a carta publicada na *Folha*:

Abro a *Folha da Manhã*
 Por entre espécies grãfinas,
 emerge de musselinas
 Hilda, estrela Aldebarã.
 Tanto vestido assinado
 cobre e recobre de vez
 sua preclara nudez!
 Me sinto mui perturbado.
 Hilda girando em boates,
 Hilda fazendo chacinha,

Hilda dos outros, não minha...
 (Coração que tanto bates!)
 Mas chega o Natal e chama
 à ordem Hilda: não vês
 que nesses teus giroflês
 esqueces quem tanto te ama?
 Então Hilda, que é sabi(l)da,
 usa sua arma secreta:
 um beijo em Morse ao poeta.
 Mas não me tapeias, Hilda.
 Esclareçamos o assunto:
 Nada de beijo postal.
 No distrito Federal,
 o beijo é na boca – e junto.

Hilda: *merci* pelo telegrama. Claro que também te desejo todas as coisas boas, em 53 e pelo tempo adiante. Vi sua carta ao Cyro. Jamais estive zangado contigo, v. é uma boba. Como é que pode? Abraços mil do Carlos.

Rio, 31.XII.52

(apud LEITE NETO, 1991, p. 18)

A breve carta revela um olhar para Hilst, por ela muitas vezes reafirmado e visível em fotos, sobre as suas características físicas, sendo conhecida por sua beleza e o seu modo de vida boêmio, na capital paulista, quando jovem. Sobre o poema, Hilst comentou, no referido jornal de 1991, “Este poema é principalmente fruto de sua alegria de me ver tão jovem, de seu desejo de juventude”. Na mesma matéria ainda falou sobre o seu processo de afastamento de São Paulo e da decisão de se dedicar exclusivamente à literatura, que a levou a retirar-se para Campinas, na Casa do Sol: “Não havia mais tempo, puxei o cabelo para trás, e fiz toda uma coisa mais severa,

para que ninguém sentisse mais nada por mim nem eu por eles". Nos *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles, de 1999, lembrando mais uma vez este momento, Hilst afirma: "Eu tinha que ser só para compreender tudo, para desaprender e para compreender outra vez. Aquela vida que eu tinha era muito fácil, uma vida só de alegrias, de amantes".

O fato, sempre lembrado em entrevistas, que a motivou a isso, segundo ela, foi a leitura de *Lettres au Grecco*, de Nikos Kazantzakis, fato que Hilst comenta numa carta a Drummond que precede em alguns anos esse momento:

10/08/62

Drummond, poeta querido

Muito obrigada pelas boas coisas que me disse. Tenho sempre muita saudade de você e espero sempre que um dia a gente possa conversar longamente de corpo presente. Como seria bom! Tantas coisas se fizeram dentro de mim, tantas se diluíram e tantas morreram. Cresci e mastiguei minhas raízes como era preciso. Tenho procurado tanto, Carlos. O que escrevo sempre me parece pequeno, pretensioso e inútil. Mas continuo. E continuo também a amar as gentes, a acreditar como se tivesse nascido logo agora, neste instante. Ou como se estivesse para morrer porque acredito que na morte é mais fácil amar e perdoar. Alguns bons amigos que tenho repetem sempre que tenho uma debilidade anormal porque quero bem até aqueles que não amam e que esse amor em mim é pretensa

humildade. No fundo, dizem eles, vontade de parecer melhor que os outros, bondade maldosa.

Será isso, não sei. Li um homem que me impressionou como nunca: o grego Nikos Kazantzakis. Você conhece? O seu livro *Lettres au Grecco* fez com que muitas coisas se iluminassem, fiquei tomada de vida, de esperança e de amor. Foi incrível a luta, a fé e o caminho desse homem. Seus deuses, Cristo, Buda, Lênin, são todos um só uma grande harmonia, uma grande chama. O anjo, ele diz, nada mais é do que um demônio enriquecido e a mais torturada das criaturas de Deus é Lúcifer. E se você perguntar quem é o filho pródigo pelo qual o pai mata um belo e gordo carneiro, ele dirá, Lúcifer! Ah, Carlos, o homem é de arrepiar os cabelos e tudo mais. E o mais maravilhoso: Ele é poeta dos mais altos. Ainda não consegui o livro de poemas, mas dizem por aí que é a mais bela poesia acontecida.

Carlos, escreva para mim. Sei que você é ocupado, etc., mas é preciso que a gente se fale um pouco, algumas vezes, para matar tanta saudade.

Vejo sempre Lígia e com muito amor falamos sempre de você e da sua grande poesia.

O carinho e o abraço da
Hilda
(HILST, 1962)

Na carta seguinte que aparece para Drummond, de 1964, Hilda Hilst fala do seu sentimento de desloca-

mento no mundo e que parece aprofundar as questões que ela coloca na carta de 1962, com relação às suas buscas pessoais e que precipitariam a sua mudança para a Casa do Sol:

Carlos querido

Fiquei muito feliz com a sua carta. Você sabe como é: a gente escreve um livro e fica logo querendo que os outros entendam um pouco do seu próprio mundo de silêncio. Bobagem! Os outros andam por aí pensando nas mil maneiras de fazer o bacalhau como diz um amigo português. Às vezes me apavoro um pouco e me sinto assim meio boba dançando no meio ou do lado (como quiser) de uma tribo também apavorada comigo e com minha dança, coisas meu querido poeta.

Tenho uma enorme saudade de você. E tenho sempre comigo seus livros e sei com amor seus poemas e se Deus quiser conversaremos tanto uma noite próxima, bem tranqüilos, o vento entrando pela janela, tudo bom como se o mundo fosse um mundo melhor.

O carinho e a amizade de sempre,
Da Hilda

S. Paulo 18/10/64
(HILST, 1964)

Os sentimentos que aparecem nestas cartas da autora revelam nas entrelinhas uma expectativa de grandes acontecimentos, de uma descoberta mística ou de uma revelação ou de uma compreensão superior da condição humana. O caminho em busca da realização destas ex-

pectativas se dá efetivamente com a sua mudança para a sede da Fazenda São José, em 1965, de propriedade da família de sua mãe, e o início da construção da Casa do Sol.

O resultado do amadurecimento destes sentimentos e da mudança de vida aparece na multifacetação da sua literatura, com o aprofundamento dos temas de sua poesia e a escrita de suas primeiras obras dramáticas e em prosa. O ápice deste processo pode ser observado em *Kadosh*, ao qual se sucederá o evento que causa um enorme estranhamento e impacto midiático, que são suas experiências com gravação de vozes, supostamente de mortos, através do uso do rádio, nos anos de 1970.

Como se pode ver, o final dos anos de 1960 e o começo da década 1970 marcam uma profunda inflexão de vida que traz muitas implicações para o trabalho literário de Hilst. O período que se analisa neste trabalho é um período de transição entre duas fases distintas tanto da criação literária quanto da recepção crítica da autora. Se, na primeira etapa que se encerra, com as suas obras teatrais, a sua criação ainda não atingiu um grau de elaboração plena, onde se alternam obras bem realizadas com obras que ainda demandariam um desenvolvimento maior, o que faz com que a crítica que apareceu tenha sido sempre muito discreta, na segunda etapa, a sua obra ganha densidade, abrindo caminho para um amadurecimento pleno, e por uma recepção crítica que será, daí por diante, na maior parte das vezes, incondicionalmente elogiosa até a publicação de sua trilogia obscena. É interessante observar que na época da matéria da *Folha*, começo dos anos de 1990, em que Hilda Hilst faz a rememoração das cartas de Drummond, a autora publicava justamente esta trilogia, que dividirá a crítica sobre a sua obra.

Numa certa medida, nesse momento em que pu-

blica a carta e em que está nessa nova fase, ao buscar Drummond no passado mais longínquo da sua relação com o poeta, Hilst parece também reencontrar esta outra Hilda, e compreender o percurso que traçou entre as suas primeiras obras poéticas, a reclusão, o surgimento de sua dramaturgia e de sua prosa, seu amadurecimento pessoal e literário que culmina neste novo nascimento que representou a sua trilogia obscena, seguida das ácidas críticas, presentes nas suas crônicas, que escreveu, entre 1992 e 1995, para o jornal *O Correio Popular*.

A relação de Hilst com Drummond ficaria marcada pela impossibilidade do encontro. No acervo de Drummond ainda há um bilhete de 1974, de Hilst, convidando-o para uma temporada na Casa do Sol “para fazermos o Kama-Sutra completo” (HILST, 1974). No acervo de Hilda Hilst, há uma carta de Drummond, de 1984, e ele lamenta que houvesse tanto tempo que não se viam (HILST, 1984). O que pode se entrever nessa correspondência é um pouco dos processos de transformação pelos quais passou Hilst, nessa primeira fase de busca de si e do seu caminho na literatura.

Sobre uma possível influência literária de Drummond, Hilst não a considerou relevante, apontou Jorge de Lima como a sua principal influência e declarou (HILST, 1999, p. 27): “O Drummond eu sempre gostei também, mas de um modo diferente. Ele me conheceu muito jovem, chegou a escrever um poema para mim, era tímido, admirável. Mas a afinidade que eu tinha com o Jorge de Lima era diferente do Drummond”.

A afinidade de Hilst com Jorge de Lima por certo se enraíza no misticismo da obra desse autor, cuja obra serve de epígrafe ao conto *Kadosh*. Neste sentido, o crítico Antônio Olinto (1967) foi um dos primeiros a destacar a importância do autor como umas das principais referências literárias para os poetas dos anos de 1960,

sendo no misticismo um veio da literatura da época, para além do que ele denominava como os caminhos da poesia visual, dos concretistas e da poesia da palavra, na linha de Drummond. Ao afirmar isso nesse artigo, Olinto tinha em vista a literatura de Waldir Ayala, por ocasião da publicação de sua obra *Poemas da Paixão*, no ano de 1967, mesmo ano em que o autor manteve sua primeira correspondência com Hilda Hilst.

CORRESPONDÊNCIA DE HILDA HILST COM WALDIR AYALA

O misticismo, a tentativa de compreensão do sagrado, da ordem do espiritual permeou a correspondência de Hilda Hilst com Waldir Ayala. E para além dessas questões, na correspondência entre os dois, é o ofício da literatura o assunto de destaque. Não se sabe exatamente como Hilst e Ayala se conheceram. Os indícios da relação entre os dois são as cartas do ano de 1967 e posteriormente do ano de 1975.

A primeira carta do autor para ela apresenta a distinção dos momentos vivenciados por cada um: Hilst havia dois anos retirada na Casa do Sol e Ayala, submerso no cotidiano da agitada cidade do Rio de Janeiro e no trabalho como jornalista, embora ambos estivessem inseridos na complexa conjuntura brasileira do final dos anos de 1960:

Rio 15-1-67

Hilda,

Recebi seu cartão. Grato. Como gostaria e como precisaria, de passar uns dias fora desta pseudocivilização carioca. Não agüento

mais a pobreza das grandes cidades, uma pobreza vestida de presunção e agressividade. Infelizmente estou manietado pelo meu trabalho que é o lado bom da minha vida. Gostaria muito de conhecer-te, aqui estou a teu dispor. Meu telefone é 26 8500. Transmiti o teu abraço ao Lúcio, ele sorriu aquele sorriso mais fundo do coração e fez um amplo gesto de abraço. Conta-me da tua poesia, como anda. Entreguei ao editor uma antologia da poesia moderna brasileira de 22 para cá, feita a quatro mãos (com o Manuel Bandeira). Terei dentro de um mês mais um romance na praça. Minha atividade tem a obstinação da máquina bem lubrificada. Até quando? Abraço-te afetuosamente,

Walmir Ayala
(AYALA, 1967a)

A resposta de Hilst, escrita alguns dias depois, destaca a visão da escritora sobre um possível sentido do encontro, ainda que por correspondência, entre os dois e introduz um olhar e uma temática espiritual na correspondência entre os autores:

19/01/67

Primeiro, o abraço. Depois não sei se acredito em certas potencialidades secretíssimas que nós os humanos possuímos. Sei que elas existem e se escrevi a você e escrevo ainda é porque foi preciso. Ainda não sei do motivo real, mas é certamente por alguma coisa relacionada com a tua tarefa espiritual. Sabes, há

dois anos mudei intensamente a minha vida, vim para a terra, também porque foi preciso. Não havia motivos muito claros a não ser uma impressão de pouco entendimento entre o que me rodeava e eu mesma, e a cidade e as inúteis andanças e o falar das mulheres e dos homens. Tive certos sonhos e algumas indicações do inconsciente e decidi-me e pedi a Deus que a minha tarefa poética se fizesse aqui em humildade. Sabes como é, és poeta, os primeiros livros são aquele mundo tátil e mais tangível, o imediato diante de nós. É válido certamente, mas de repente adquirimos uma consciência mais funda e aquele caminho já não é satisfatório e a memória adquire intensidade e vamos caminhando em direção a infra-estrutura de nós mesmos e das coisas.

Escrevemos, mas em nós se faz um novo tempo. Não sei por que te falo disso tudo, perdoa-me. Seria possível que alguma coisa maior do que supões em ti deseja concretude?

Acreditas numa realidade que nos ultrapassa, nas múltiplas configurações da matéria, num universo infinito? Escreve, conta-me se essas coisas que te falo têm qualquer ligação com o que pensas agora ou se pelo menos foi bom que eu as dissesse. Diz ao Lúcio que gostaria tanto de revê-lo e que muitas vezes faço por ele minha melhor vibração.

Também afetuosamente

Hilda

(HILST, 1967a)

A carta de Hilst mostra o início de um processo de descoberta pela autora de uma dimensão mais ampla do viver, com o desenvolvimento de um olhar que busca na conexão com a terra e com uma vida regida pelo tempo da natureza, uma conexão cósmica.

A leitura de Kazantzakis pode ter sido determinante para isso. O humanismo do autor, que reconhece na luta política, principalmente no marxismo, uma forma de transformação da realidade concreta, não nega, mas, pelo contrário, procura na religião o substrato de conexões subjacentes da cultura humana que possam dar sentido à vida.

Neste sentido, a resposta de Ayala mostra alguma semelhança com a visão de Kazantzakis, ao apontar uma complexa dinâmica entre a luta da vida cotidiana e as aspirações espirituais que, em alguma medida, caminham ao encontro das perguntas de Hilst:

Rio-Carnaval
Fev-67
Domingo

Hilda

Não te posso dar as respostas que possivelmente esperas. Não ainda desta vez. Mas não duvido, muito pelo contrário, da força superior que nos esteja ligando pela palavra, e que algo nos seja pedido em troca deste encontro. Acredito em muitas realidades, inclusive as irreais ou supra-reais. Sou um militante, minha amiga (?), se não o fosse, estaria há muito contaminado desta entrega mística que é, na verdade, o meu mais íntimo so-

nho. Vejo Sta. Tereza chicoteando o mundo e isto é amor. Meu coração anseia e aguarda certas revelações, muito como tu. Só que tu escolheste o recesso. Eu me joguei contras as espadas. Ouvi falar muito a teu respeito. Informações vagas e falhas, de gente que te viu, sem te ver. Relações apenas físicas de tua passagem. De tua alma, nada. No entanto em dois bilhetes me vens transfigurada e verdadeira, em essência, fora de qualquer julgamento sensorial. Dia a dia nos proibem os arrebatamentos, criaram mil preconceitos contra a levitação, no entanto respirar já é um milagre muito maior que toda a ciência cósmica.

Abraço-te afetuosamente.

Até sempre,

Walmir

(AYALA, 1967b)

A resposta de Ayala explicita um conflito entre, no seu caso, uma militância política e uma procura espiritual e, nesse sentido, a isso se vincula algo mais do que um aspecto de ordem particular, se apresentando como um reflexo do tempo que atravessa esta correspondência.

A situação política brasileira do final dos anos de 1960 colocava a consciência em alerta de vários grupos sociais, entre os quais se incluíam artistas e jornalistas, por causa da censura e das diversas formas de violência institucionais implementadas pelos militares. Ao mesmo tempo, nessa época, houve uma guinada no ocidente em direção ao espiritual, se multiplicando, ao redor do mundo, os movimentos sociais e religiosos que na esteira da contracultura anunciavam uma nova etapa para a humanidade.

Embora as cartas sejam de caráter particular e não comentem nem apontem diretamente estas questões, não se pode dizer que elas não se mostram conectadas a esse momento histórico, e, nessa direção, mesmo que a leitura dos autores da realidade que os circunda seja muito particular, existem indícios de uma influência, em ambos, desse momento, no que se refere às suas produções literárias.

Hilst à época começa a escrever o seu teatro, cujo sentido está assentado em questões políticas, enquanto a obra de Walmir, como foi comentado no referido artigo de Olinto, em *Poemas da Paixão*, adquire um caráter permeado de misticismo.

Por um olhar mais pontual, o que se pode inferir a partir disso é que, de algum modo, o que se elabora nessa correspondência é parte da criação em literatura de ambos os autores, vinculada ao momento histórico em que são produzidas na conjugação de fatores subjetivos e objetivos.

Por um olhar mais amplo, a angústia espiritual revelada nas cartas mostra uma manifestação de que o processo de criação artística ligado à literatura e ao ofício da escrita é um lugar de encontro com a espiritualidade, mesmo que haja uma contradição entre ambas e uma contradição desta última com o mundo, como se vê na carta seguinte de Hilda Hilst:

23/5/67

Antes de tudo o meu abraço especial pelo prêmio de Brasília. Gostaria muito de ter o seu livro. Como?

Depois. Estou na faixa da (?), talvez amanhã me conforme com tudo, mas hoje resolvi queixar-me um pouco muito e resolvi tam-

bém destinar a minha queixa ao seu generoso ouvido. Posso?

Lá vai: Walmir, preciso há algum tempo disciplinar o espírito, faço uma tentativa no sentido de ultrapassar-me, acho que a solidão pode nos conduzir a um início de clareza. Acho que seria bom, se me fosse dada a graça de escrever como os frades da grande cartuxa, escrever sim, se necessário, mas sem nenhuma preocupação de que nos leiam, pensar mesmo que jamais seremos lidos. Escrever em comunhão com o espírito do todo, intensamente, escrever talvez como os frades do deserto, fazedores de cesto a cada dia, o ano inteiro, e depois ter a festa santa de destruir o que foi feito e começar novamente.

Walmir, estou longe dessa grande proposição. Subitamente desejo ficar na memória de alguns e ouvi-los, dizer o meu canto.

Há muitos anos, em 54, talvez, eu escrevi.

Nada de novo tenho a dizer-vos, e se tivesse também não vos diria. Os versos são prodígios escondidos da minha fantasia. Hão de ficar assim. Solenes. Mudos. E por que não? Quem alguma vez os leu com o mesmo amor com que os escrevi?

E na mesma solidão?

Bem, parece que eu mesma desejei um destino de total solidão para o meu verso. Cumpru-se.

(...)

Hilda
(HILST, 1967b)

Esta carta de Hilst revela que mesmo tendo feita uma escolha que em alguma medida dirigiu o olhar para o espírito, é a literatura que assume o papel de união com o divino, se transformando no seu modo de conexão com o sagrado. Em alguma medida, o divino não poderia sequer ser pensado fora da literatura, uma vez que a imagem que a autora faz de si, no processo de construção da sua identidade de escritora neste período, e a forma como isso é reelaborado na sua escritura, se constituindo como uma problemática literária, são como eixos que giram para a elaboração da sua criação literária.

UMA CARTA DE HILDA HILST A UM JOVEM POETA BRASILEIRO

No meio deste caminho, entre Hilda Hilst e Walimir Ayala, aparece a figura de Caio Fernando Abreu. Ayala, neste primeiro momento, e, um pouco mais tarde, Hilst, viriam a desempenhar, para o jovem escritor, o papel de mestres do ofício. Talvez Abreu tenha motivado também uma correspondência que se passou entre Hilst e Ayala, em torno de um projeto de Walimir, o das *Cartas a um Jovem Poeta Brasileiro*. Como podemos observar na primeira carta do jovem Caio, aos 18 anos, para Ayala, ele, como um jovem Kappus, inclusive mencionando Rilke, vem pedir orientações ao autor já consagrado:

Porto Alegre, 6 de abril de 1967.

Ilmo. Sr. Walimir Ayala,

Quando o sr. esteve aqui, em janeiro, creio que Manoelito de Ornelas falou-lhe de mim. Depois deu-me seu endereço para que eu lhe

remettesse alguns contos. Acontece que não pude fazer isso em seguida, como era minha vontade, tão envolvido estava com os exames vestibulares e, logo após, com a integração no meio universitário. Assim o tempo foi passando e passou tanto que acho que o Sr. nem lembra mais de mim. Vou apresentar-me então.

Tenho 18 anos, chamo-me Caio Fernando Abreu e estou no 1º ano de Letras da Faculdade de Filosofia da UFRGS.

(...)

Estou agora enviando dois contos junto com esta, das dezenas que tenho escrito – e todos inéditos.

(...)

Quanto aos contos, sinceramente, eu duvido de seu valor. Não digo por atitude, entenda. Nada do que fiz até hoje me satisfaz e não foram poucas as vezes em que estive tentando a dar um fim em tudo. Gostaria que o sr. os criticasse e quanto mais impiedosamente melhor. Por favor, não poupe nenhum erro (exceto os da máquina, é claro). E me diga se tenho condições para continuar, se devo continuar e o que posso fazer para melhorar cada vez mais. Não tenha medo de me magoar, vivo enviando meus contos a pessoas capacitadas para julgá-los e, nas poucas vezes que recebo resposta, a opinião é favorável, mas um pouco fria – o sr. entende? Quer dizer, ninguém se empolgou, se desfez em elogios e adjetivos cascadeantes. E eu não me conformo a ficar no meio termo em literatura, me parece sinônimo de mediocridade; e a

ser medíocre, prefiro não ser nada. Talvez eu esteja enganado, e essas idéias não passem de um resto de ferocidade adolescente. Talvez o tempo venha a me moldar, e eu aceite a condição de medíocre, como tantos por aí aceitaram; mas sinceramente duvido disso. E é por duvidar, Sr. Walmir Ayala, que recorro a sua pessoa. Quem sabe sua experiência saberá desfazer estas dúvidas? Quem sabe?

(...)

Já fiz o que Rilke aconselha ao seu “jovem poeta” nas cartas que lhe escreveu, isto é, me perguntei se seria possível viver se me fosse vedado escrever. Minha resposta não foi aos extremos de Rilke, mas achei-a bastante significativa: eu poderia viver, sim, mas seria uma vida incompleta, como se me tivessem privado da visão, por exemplo, ou de qualquer outro sentido.

(...)

Do seu amigo e admirador,
Caio Fernando Abreu
(ABREU, 1967)

A carta do jovem aspirante revela, em grande medida, a angústia que permeará as suas futuras obras. Para esta pesquisa, ela é importante porque, embora ela seja só um indício, parece que dela emerge a correspondência seguinte entre Hilst e Ayala que, similar às cartas de Rilke, mostram que o ofício da escrita é árduo e que entre a vida cotidiana, a solidão e a produção da literatura há uma complexa interação; a carta de Caio Fernando Abreu é de abril, a carta seguinte de Ayala para Hilst, em que surge o projeto do livro, é de junho:

Rio Junho 67

Devo-te, há tanto, resposta de tua bela carta. Como entendo o teu estado de espírito! Quantas vezes eu senti a mesma coisa. Acontece que eu sou jogado na enxurrada do trabalho e encontro nisto uma espécie maravilhosa de apostolado que me compensa pelo desacerto, pelo desencanto de tudo que é limitadamente material. Há um lado de aventura espiritual na militância a que me dedico que é a única compensação. Talvez o único freio para que eu não me jogue, de repente, à solidão riquíssima da clausura. Sim, monástica. Quantas vezes pensei. Mas só o faria com o grande orgulho, o orgulho de quem aspirasse a santidade, a humilde santidade da sinceridade, da claridade, caridade, da dedicação amorosa à apreensão de Cristo. Eu só me lançaria a este abismo com a carne completamente raspada com a telha de Jó. Eu quero a alegria de Deus! Poucas vezes eu disse isto a alguém, raríssimas... Só os muito íntimos entendem essas confissões. O mais grave de tudo é que eu sei amar. E sei que Deus marca as pessoas assim e as quer para ele.

Vamos por ordem: o teu problema editorial é grave, cada vez é mais difícil publicar poesia. As editoras menores estão falindo. As grandes não querem nem ouvir falar em poesia. Tenho a GRD em vista, quem sabe. Tu me mandarias teus originais. Eu me empenharia. Antes disso e com maior urgência eu te peço uma CARTA A UM JOVEM POETA BRASILEIRO, é para um livro que estou organizando.

Quase todos os nomes importantes da poesia brasileira, em várias gerações contemporâneas estão lá. É uma carta que te defina, que te explique para um jovem que chega e quer saber o que deve fazer para ser poeta. Sinto que está num momento maravilhoso para firmar um documento espiritual da maior importância. Tu, tão jovem e tão bonita estás apta à grande luta com o anjo, transmite isso. Espero esta com urgência, pois o livro está quase pronto. E que não seja pequena, deixa a pena correr, deixa o teu coração fluir como fluiu nesta última carta que me escreveste. E vamos pensar na edição do teu livro, coisa que me interessa muitíssimo.

Walmir
(AYALA, 1967c)

A resposta de Hilda Hilst ao pedido de Ayala é uma negativa, mas mesmo assim não deixa de ser uma resposta ao pedido do escritor. Em meio aos comentários sobre a carta anterior, surge o comentário sobre a carta a um jovem poeta. Reproduz-se aqui o trecho:

Casa do Sol, junho de 1967

(...)

Quanto à carta a um jovem poeta brasileiro, não tenho coragem, Walmir, és poeta e sabes da dificuldade de dizer dessas coisas. Que sei eu, meu bom amigo. Para escrever a carta era preciso, antes, ter visto o jovem, saber das suas coordenadas exteriores e das mais fundas. Saber se ele teria forças para ouvir de toda a escalada. A minha faz-se ainda

no primeiro degrau. E sendo assim, o que eu diria ao moço? Que é um ofício tão humilde quanto o de lavar bacias? Que é preciso aceitar o desprezo de muitos e escutar (apesar) entre as paredes um ruído inquietante de sorrisos, uma lira de plumas murmurante? Que a poesia é uma procura exaustiva de Deus? Que é tão difícil ser jovem e ao mesmo tempo ser um bom poeta porque ao poeta é necessária a maior experiência possível do seu tema, é necessário um acúmulo de caminhos e ao mesmo tempo uma postura de liberdade diante de todos eles.

E que tudo isso só pode acontecer se houver tempo? Que talvez por isso mesmo Hegel afirme que “uma atitude poética real é mais própria à velhice do que à juventude, porque se os interesses vitais subsistem ainda na velhice não tomam a forma imperiosa da paixão juvenil” e permitem, assim, o comportamento interior especialíssimo que a arte exige? Que é preciso acordar o lado luminoso, o lado solar do homem, fazer com que retome o seu olhar inaugural, mas não à maneira das crianças e sim como um ser múltiplo e soberano, consciente de sua própria realidade? Que é difícil, muito difícil? Que é preciso talento, disciplina, verdade, amor e o olhar comovido (mas justo) diante de tudo e de todos? Que o poeta está sempre à procura de si mesmo e só através de si mesmo conseguirá se aproximar dos homens e de Deus? Walmir, meu amigo poeta, se eu dissesse tudo isso ao jovem, ele diria certamente que pretendo o abismo. É. O querer ser poeta: de

início, o abismo. Depois, a escalada em direção a mais alta montanha. E as mãos, porreando, gotejando sangue. Sempre. E sendo assim, o que eu diria ao moço? Perdoa.

(...)

(HILST, 1967c)

A carta de Hilst fala de paciência, de humildade diante do ofício e aponta como a escrita se faz na relação vida e literatura ao dizer “que o poeta está sempre à procura de si mesmo e só através de si mesmo conseguirá se aproximar dos homens e de Deus”. Como nas palavras de Rilke, o necessário é olhar para dentro e não para fora. Embora partindo de motivações diferentes, a carta mostra mais semelhanças com as de Rilke; mostra, por exemplo, que a decisão de escrever surge de uma necessidade profunda, exigindo nas palavras da autora que se leve a cabo, de início, encarar o abismo, símbolo de uma morte de si. Após escalar a montanha, lugar de uma resposta que não se sabe nunca se estará lá e, por último, gotejando sangue, perdoar, ou seja, aceitar que o percurso possa ter sido somente o percurso, e este é a própria resposta.

Ayala responde à carta de Hilst solicitando a reprodução do trecho no livro do projeto, sensibilizado pela intensidade que a carta mostra da vivência da autora na sua criação literária, fato que será consistente com toda a sua produção futura, engendrando a sua escrita radical, no drama, na poesia e na prosa ficcional:

19-7-67 Rio

Hilda,

Estou em falta contigo. Sento diariamente diante da máquina de escrever e tenho um

mundo de compromissos a cumprir através dela. A correspondência fica para um dia... Chegou o dia. É hoje, agora. Tua carta é linda, de tal forma que eu te peço permissão para fazer, com partes da anterior, uma montagem depoimento, que seria exatamente a carta a um jovem poeta brasileiro que tanto te pedi. Tem liberdade de dizer NÃO. Mas, se consentires, eu ficarei feliz e podes crer que será uma carta das melhores. Se assim não fosse, eu não te pediria com tamanho calor.

(...)

Paro por aqui, esperando que concordes em me dar para edição toda a cantata ao pé do abismo que é a tua palavra para mim. Eu tiraria tudo o que é pessoal e ficaria muito, pois é essencialmente universal, tens uma respiração universal, é o que mais me apaixona, quando te recebo.

Até sempre, escreve logo,

Walmir Ayala

(AYALA, 1967d)

Após essa carta, há um longo intervalo, onde não encontramos correspondência entre os dois. Oito anos depois, Walmir reescreve a Hilda Hilst, solicitando a autorização para a publicação da carta. Os dois trocam alguma correspondência. Mas só encontramos as cartas de Ayala para Hilst e não as dela para ele. São duas cartas, uma de julho de 1975 e outra de dezembro do mesmo ano, ambas pedindo autorização para publicar a referida montagem.

O autor menciona a intenção de publicá-las pela Editora Artenova, que, por sinal, publicou, à época, uma tradução, feita por Clarice Lispector, das *Lettres au Grec-*

co, que tanto marcaram Hilst. Descobrimos recentemente que, em 1980, Ayala enviou os originais do livro para a GRD², editora de Gumerindo Rocha Dórea, que guarda os originais do livro até hoje. A carta de Hilst não foi incluída, provavelmente porque ela não enviou a autorização. Pode ser que a decisão tenha sido motivada pelo próprio amadurecimento da autora, pois a Hilda Hilst de 1967 definitivamente é muito diferente da autora de 1975.

Se é verdade que na primeira fase da produção da autora há uma certa ingenuidade, a partir da publicação de sua prosa, é uma voz madura que se afirma. A abordagem de Hilst da problemática espiritual na sua literatura já vem permeada por outros elementos, dentre os quais se destacam os vinculados ao corpo, à presença do grotesco, do escárnio, da sátira, da ironia e do humor. As diferenças entre esses dois momentos se dão também na recepção crítica e na imagem pública da autora. Até 1967, Hilst não havia recebido ainda uma grande aclamação crítica, cenário que se modifica, nos anos de 1970, com o reconhecimento que passa a receber, com o surgimento dos primeiros ensaios críticos de maior peso sobre sua obra.

Por fim, as cartas ajudam a elucidar em parte o que significava o ofício da literatura para Hilda Hilst, ao menos nos anos de 1960, mas algo delas parece permanecer e pode ser observado em suas obras e em outros momentos de sua vida, pois este elemento de procura, de busca do sagrado, que se inicia de forma consistente em sua vida com a sua mudança para a Casa do Sol (1965) e, na sua obra, em *Exercícios para uma Idéia* (1967), se torna o pulso da sua literatura. Por exemplo, no mesmo ano de 1991, em que Hilda Hilst publicou a carta de Drum-

2 No momento, estamos trabalhando com Gumerindo Rocha Dórea, na tentativa de fazer uma edição histórica do material.

mond, ela recebeu um pedido de Luís Augusto Milanesi para que escrevesse um texto com o tema “O sentido do meu ofício de escritor” para a revista *Informação Cultural*, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. No canto do papel, Hilst anotou “Escrevo para escapar da loucura, do medo, da finitude” (MILANESI, 1991).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. 06 jun. 1967, Porto Alegre [para] Waldir Ayala, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. 1984, Rio de Janeiro [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).
- AYALA, Waldir. [Carta] 19 jul. 1967 (d), Rio de Janeiro [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).
- AYALA, Waldir. [Carta] jun. 1967 (c), Rio de Janeiro [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).
- AYALA, Waldir. [Carta] fev. 1967 (b), Rio de Janeiro [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).
- AYALA, Waldir. [Carta] 15 jan. 1967 (a), Rio de Janeiro [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).
- HILDA HILST. Entrevista. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº 8, out. 1999.
- HILST, Hilda. [Cartão] 15 jul. 1974, Campinas [para] Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).
- HILST, Hilda. [Carta] jun. 1967 (c), Campinas [para] Waldir Ayala, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 23 mai. 1967 (b), Campinas [para] Walmir Ayala, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 19 jan. 1967 (a), Campinas [para] Walmir Ayala, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 10 out. 1964, São Paulo [para] Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

HILST, Hilda. [Carta] 10 ago. 1962, São Paulo [para] Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro. (AMLB-FCRB).

LEITE NETO, Alcino. Hilda Hilst revela poema inédito de Drummond. *Folha de São Paulo*, 6 abr. 1991. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_06abr1991.htm> Acesso em: 6 abr. 2007.

MILANESI, Luis Augusto. 1991, São Paulo [para] Hilda Hilst, Campinas. (Cedae).

OLINTO, Antônio. Resenha: *Poemas da Paixão*, de Walmir Ayala, *O Globo*, 23 dez. 1967.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um Jovem Poeta*: a canção de Amor e de Morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke. 25. ed. São Paulo: Editora Globo, 1996.

Recebido em 16/03/2010

Aprovado em 29/04/2010

A ANTINOMIA DA METAFÍSICA BANAL: A GNÓSTICA SENHORA H

Attila de Oliveira Piovesan

Ufes

RESUMO: O trabalho investiga as relações entre a história narrada em a *Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst e o pensamento gnóstico, mostrando como essa união resulta em uma busca do divino através do grotesco e da subversão das normas sociais, religiosas e estilísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst. Gnose. Gnosticismo. Sofia. Busca.

ABSTRACT: The paper investigates the relations between Hilda Hilst's *A Obscena Senhora D* and the gnostic thinking, showing how this union results in a quest for God through the grotesque and the subversion of social, moral and stylistic rules.

KEY WORDS: Hilda Hilst. Gnosis. Gnosticism. Sophia. Quest.

INTRODUÇÃO

que se deite aqui e sinta comigo os murmúrios, palavras que deslizam numa teia, uma estacou agora, e vagarosamente uns fios brilhosos se torcem à sua volta, meu deus, vão recobri-la, que palavra, que palavra? CONHECIMENTO, Hillé, ainda posso vê-la, CONHECIMENTO sendo sufocada por uns fios finos e de matéria densa. (Hilda Hilst)